

**ENSAIOS**  
**LITTERARIOS.**  
**JORNAL**

**De uma Associação de Acadêmicos.**

---

« Shall he alone, whom rational we call  
« Be pleased with nothing, if not blest with all?  
« POPE ».

---

**1.ª SERIE — N.º 1.º**

**SETEMBRO.**



**S. PAULO.**

**Typographia do Governo**  
**(em Patacio.)**

---

**1847.**

# ENSAYOS

## LITTERARIOS

JORNAL

DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ACADEMICOS.



### *Introdução.*

Quelle misère, si cette vie d'un jour, n'était  
que la conscience du néant.

CHATEAUBRAND.

Ao estreamos na ardua carreira do Jornalismo — nós os Redactores do — Ensaio — não nos podemos furtar ao imperioso dever, — de jurar a profissão de fé de nossos principios. — Não os proclamamos alto, — nem os impomos como certos, revestidos do criterio da evidencia: — não campeamos com as nossas idéas, — e com os mesquinhos ensaios de nossa penna, e sim que os sujeitamos ao tribunal soberano da opinião publica, e para elles exigimos um juizo franco e illustrado. Daqui, — do humilde estadio onde vamos exercer nossas forças, — d'aqui os enviamos ás altas espheras das summidades litterarias, não porque se ufanem elles dessa honra, — sim porque se ennobreção de uma excusa, e de uma protecção.

Bem longo, dorminos o somno da apathia, e indolencia: — gastavamos o alento de nossa vida, sem que lhe colhessemos o fructo, nas tão longas noites, — que bem pouco dormidas. Hoje um pensamento grave, e profundo, — pensamento de bem transidas elocubrações, nos desperta do esteril lethargo, e nos absorve a seiva robusta de vida, que desperdiçavamos á eito com toda a descuidosa imprevidencia da mocidade. Nós nos descõnheceríamos de jovens pouco iniciados nos misterios da sciencia, se na realisação do nosso pensamento, alardeassemos de grandes promessas: a nossa missão é nobre, santa, e sublime, — que assim concebemos a missão do Jornalista: — nada promettemos: — somente nos seja permittido protestar solemnemente, que temos fé e crença profunda em nossa missão, e que bem certo a comprehendemos, que nella envidamos as nossas forças, que lhe votamos a seiva de nossa intelligencia, e o fructo de nossas vigílias, que lhe sacrificamos os mais doces momentos de prazer.

Animados nós mesmos com este protesto, cobramos alento, e entramos no succinto desenvolvimento de nossa missão litteraria e philosophica.

É la á profundesa do seculo, que vamos levar nossa alma entusiasta pelas sagradas reminiscencias do passado,

e colher ao pé da cruz, regada pelo sangue do martyr, essa flor pura da Religião, para deposital-a, cingida d' aureola de nossos sonhos e esperanças, no coração do povo. Ella ahi se alentarã com o succo de sua vida, porque o povo è essencialmente religioso — como a Religião eminentemente popular.

O povo tem genio, e suas concepções são nobres, respirando esse toque de enthusiasmo e exaltação que o faz soberano até nos seus instinctos. Sua imaginação ardente, reveste suas crenças religiosas, de formas ideaes, e misticas, de imagens fantasticas, e grandiosas, de expressões poeticas originaes, e romanescas. Entre nós, essas crenças populares que constituem o titulo mais solemne de nacionalidade de um povo, se ressentem gravemente de um toque de fanatismo, e superstição.

A crença è o alimento d'alma: ella absorve toda a intensidade da vida. O homem sceptico, ralado de tristeza, se tortura no espaço immenso que lhe vagou a ausencia da fé: — e Byron, esse typo da poesia frenetica da nossa epocha, cheio de *ironia, e enthusiasmo, de spleen, e esperança*, (1) agonisava entre a desolação, e o desespero, porque elle sentia em si em toda a intensidade, a *vitalidade do veneno* (2): elle quiz crer, e duvidou: quiz ter fé em alguma cousa, e descreo de tudo, desde as romanescas illusões do poeta, até as altas, e profundas realidades do sabio: blasphemou de Deos, renegou o mundo, e abjurou de si.

Nós comprehendemos a suprema necessidade que revela este facto, necessidade de purificar a crença pela convicção profunda, e pela illustração civilisadora; e de purificar, na crença o coração, o sentimento, e todas as affeições d'alma. Nós comprehendemos esta parte tão nobre da nossa missão, a de instruir o povo, pelo povo: assim nos votamos á um estudo especial d'essas crenças: estudaremos os homens do povo no seu elemento, na sua esphera: havemos de conversa-los como a irmãos, e instruil-os como a amigos, franca e singelamente.

O rapido progresso que nos legou o seculo 18, vinha eivado do espirito de duvida. O homem duvidava e cria: duvidava da crença, e só tinha crença na duvida: mas è que esta duvida era uma crença nova, e robusta: e a alma exaltada pela confiança de sua força, abdicava o passado ás recordações, legava apenas ao presente um mesquinho pen-

(1) P. Leroux.

(2) Byron no — Child Harold. —

There is very life in our despair  
*Vitality of poison*: a quick root  
 Which feeds these deadly branches.

samento, e se lançava no futuro cheia de sonhos, e esperanças, com o anhelô do desespero. Ella caminhava com uma velocidade delirante: mas o progresso impregnado nas velhas tradições da antiguidade, arquejava ainda no circulo de ferro do passado. O anhelô d'alma perpassava talvez as vastas possibilidades do mundo: mas o progresso não havia realisado toda a sua elasticidade para encher essas mesmas possibilidades. Outra eschola de litteratura, se creou na reacção contra esses principios: Lamartine, e Hugo, renegando altamente a litteratura byronnianna, se lançarão na religião, e nas crenças misteriosas e poeticas de tradição, e exalarão seos cantos com mais doçura e placidez, mais suavemente ternos e melancolicos.

Qual desses dois elementos de litteratura, se casará mais com a nossa nacionalidade? serão ambos engeitados d'ella? Aqui nos calamos nós, e cada um á se lançar no vasto campo das supposições e conjecturas. Uma litteratura — fal-a um povo, e não um homem: consagra-a um genio e não um poeta.

Mas em fim o progresso renegando por sua vez o passado seguiu o sonho do sentimento: e o seculo desenove appareceu coroado d'aureola brilhante das sciencias politicas. Não entraremos affutos no sagrado sanctuario da sciencia: apenas se ousamos abrir uma obra energica e concisa, escripta sob as inspirações da revolução de Julho, ao longiquo som atroador do canhão, e ao arruido das barricadas: é o *Livro do Povo* do Snr. Laménais. Este livro cheio de uma compunção catholica, respirando todo o enthusiasmo de uma alma nobre, vibrando a palavra com essa concisão e simplicidade magestosa da frase biblica, é o evangelho politico dos povos. N'elle saudamos com uma especie de prazer e orgulho, os nossos principios politicos: (3) nelle bebemos as maximas cordiaes da communhão catholica. E assim será elle a nossa cartilha: com elle chegaremos talvez á realisação de nossa missão philosophica. Com elle ensinaremos ao povo o que elle é, porque o povo soberano, admiravel, e sublime nas suas concepções bisarras e no seu franco enthusiasmo, se desconhece de grande, ignora a sua missão tão nobre neste mundo, e não a realisa a cabeça alta e o olhar soberano como que tem consciencia de si, e se sente grande, e forte.

Fallemos de nosso stylo: seguirá elle as nossas inspirações. As vezes se elevará ainda que arreccioso ás expressões

---

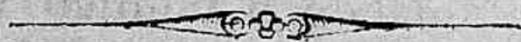
(3) Uma observação nos é aqui necessaria. Nós só admittimos os principios politicos do Snr. Laménais, neste ponto: — Quando elle instrue o povo nos seos direitos e na sua soberania: quando elle o ensina a supportar sua condição presente com toda a resignação evangelica, até chegar o momento de regeneração. No mais nós nos apartamos de suas theorias bellas e poeticas, porem pouco politicas.

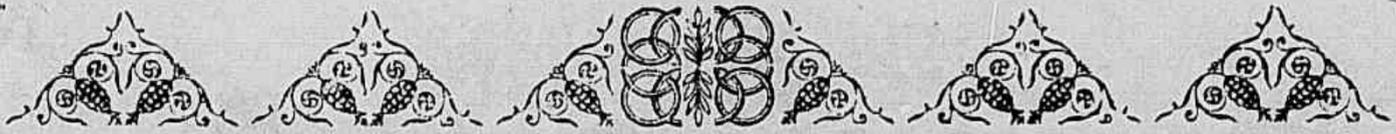
nobres e pomposas, que nos offerece, com excessiva prodigalidade, a riqueza e suavidade de nossa lingua: tambem as vezes será elle chão, e simples, e com a sua expressão modesta entraremos a agua furtada do simples proletario, ou o humilde alvergue do campesino, e homens do povo lhes fallaremos a linguagem do povo

Uma ultima consideração nos resta a fazer, e é que não declaramos ao publico os nossos nomes, não que nos temessemos que a critica pessoal e mesquinha, que só gera a alma do homem egoista absorvida na contemplação de si, nos arrefecesse o animo e a crença: mas porque não enxergamos nisso a minima utilidade. Por ventura nossos apellidos desconhecidos sem idéa alguma de merecimento, imporia aos nossos escriptos, a pomposa authoridade dos grandes nomes? A fé que nunca um tal pensamento nos perpassou pela mente. E a Patria? A Patria não exige o holocausto de nosso pejo, de nossa modestia, um dos mais caros sentimentos do homem, ella exige as nossas luzes, e essas nós lhe votamos d'alma e coração. É a Gloria que reclama altamente um nome: e quando ella o reclama, vae buscal-o, não é necessario impol-o. Mas nós renegamos a gloria, bem certos que nunca virá ella favoneiarnos, no arduo desempenho de nossa tarefa. Entretanto se a benevolencia desses grandes homens que a absorvem toda, nos legar uma diminuta porção dessa sublime oblação, de já nós a enviamos com toda a profunda expressão de nossa alma aos nossos mestres, como um sagrado testemunho de reconhecimento. Será uma folha de era que lhe teceremos á grinalda de carvalho, que lhe orna a fronte

E agora enviamos um solemne e honroso protesto aos nossos collegas para que nos sigão na ardua e porfiosa carreira que encetamos:—de certo não desdenharão elles de estreal-a em medo de obstaculos e tropeços: e talvez que o nosso protesto desperte um echo em seu coração:—Tende confiança em vós que o porvir é de mocidade.

S. Paulo. Setembro de 1847.





## O POVO.

Onde um écho para os gemidos do povo?

Ha uma formula social da qual lanção mão os homens da politica para alcançarem seus fins, — o povo é livre e soberano. — Que irrisão! E esses homens não se pejão de assim atirar a uma sociedade inteira, palavras de escarneo, e ironia! Livre e soberano o povo? e elle soffre, e geme em silencio, elle traga gotta a gotta o fel da miseria!

Quereis saber o que é o povo? não é esse punhado de homens abastados, que vendem seo voto para mais enriquecerem; não é esse punhado de homens letrados, ou que por tal paixão, cujo fito é o interesse sordido, e mesquinho; não, o povo é essa multidão esfarrapada, que ahí vedes pelas ruas arrastando-se no lodaçal do desprezo: é essa multidão de braços operarios, que com seu suor regão o festim do rico: é essa grande massa a quem tratão de brutos, porque vive do pão de cada dia molhado por lagrimas de dor, a quem o rico olha com escarneo, e os homens de letras com um sorriso de compaixão.

Pobre povo! quando a natureza se mostra prazenteira rindo-se por entre os seus véos de flores e fructos; quando os innocentes volateis modulão seus doces cantos, o povo trabalha, e seu alento se esvae em continuos esforços: e tanto trabalho mal apenas lhe lucra parca a existencia.

Elle desce aos seios da terra, para arrancar de suas entranhas os preciosos metâes; abisma-se no fundo dos rios; e mares para pleitear ás rochas seus raros thesouros; rasga o solo, e o prepara para abundar em messes; e de tanta riqueza, fucto de seu trabalho, o que lhe resta, o que lhe fica? negro pão adoçado pela fome: o mais cobre a mesa dos opulentos senhores, rola pelos verdes tapetes do jogo, consome-se em dissoluções.

Não é tudo: quando o inimigo bate á porta, quando essas fortunas e vidas são ameaçadas, é ainda o povo quem se arremessa á morte; é elle que sempre corajoso vae defender o roubo que lhe fizerão de seu trabalho.

E o que fazem elles por ti, povo? — nada. — Quando voltaes do campo da pugna estropeados, e mutilados, quando viuvias e orfãos dos que lá ficarão martyres do egoismo, com voz queixosa e gemebunda pedis todos — pão, — elles vos respondem — sois massa hruta. — Porem sabeí, vós mutilados, e estropeados: esmolaes de porta em porta, as viu-

vas e orphãos de vossos irmãos, definhão na miseria, e elles sobrenadão no luxo; e nem vossos clamores vão perturbar-lhes os festins, onde vasão de aureas taças o suor de vossa fronte: — ah! porque suas mãos ao tocal-as, não se convertem em esqueletos, e esse nectar não lhes queima os labios! — Pobre povo, esse folgar por entre vossos gemidos, esse cantico de prazer, que vem escarnecer de vossas misérias — impio blasphemo — será o epitaphio que o cinzel posthumo gravará sobre a lapida de vossos representantes!

Só insultos prodigalisão ao povo! e com tudo elle é soberano e livre.

E' soberano, e nem conhece os homens que o representam — representação infiel! — não, porque o povo nas altas categorias sociaes, só deve servir de instrumento para seus fins, — porque é massa bruta — E' livre, e as mais pesadas cadeias lhe arrochão os pulsos — as da miseria — não, que ao povo não é dado gostar da taça da liberdade, porque é massa bruta.

Estas palavras são uma infamia, são mais, são um homicidio lento: por ellas o povo não tem direitos, porque lhe falta a liberdade; por ellas o povo não tem progresso porque lhe falta a intelligencia, elle é obrigado a revolver-se n'um circulo ferreo, mais temível por ser imposto pela intelligencia.

Pobre povo! d'elle todos se esquecem quando as ambições estão satisfeitas; mas d'elle se lembrão quando necessitam de um braço, que proclame seus interesses traduzidos na formula social de soberania, d'elle se lembrão quando querem exilar dinastias, decepar regias cabeças, destruir constituições, e o mais que lisongear pode esses homens de frio calculo egoista: e depois se olvidão: depois filhos bastardos, raça de ingratos, calcão aos pés aquelles que os elevarão deslembrão-se de suas promessas, quando incensavão o amor proprio do gigante magnanimo, deslembrão-se de que lhe promettião em vez de miseria a fartura, em vez de escravidão a liberdade.

E este povo generoso que nelles se fiára, sem outra garantia mais que a boa fé: este povo generoso, a quem massacrão da maneira a mais cobarde, não alça da sua manopla de ferro, e esmaga aos judas que o atraçoarão.

Não, que o povo é grande e sublime na sua miseria! não, que a missão do povo é toda evangelica — soffrer e morrer — esperando a luz da redempção social

E essa luz virá, uma fé toda christan nol-a faz esperar: ella virá, quando homens sinceros amigos do povo, alcançarem o poder; quando elles levarem a civilisação té a cabana do mais pobre camponio; quando obtiverem para o povo, maior gozo com menor trabalho; quando facilitarem o meio de cada um poder dizer: — aquella reunião de bo-

mens que rege a patria, é minha escolha livre e espontanea: ella representa minha soberania, porque representa minha vontade. E para isso eleições directas, e nada de fraudes e violencias. Então sim haverá uma assembléa representativa de toda nação, e não de meia duzia de homens sómente, que fizerão do poder um monopolio: então o povo será livre e soberano.

Homens do poder, lembrai-vos do povo! por que elle é vosso irmão: lembrai-vos do povo, porque nelle ha intelligencia, e liberdade, cujo desenvolvimento trará o progresso da humanidade.

E o povo vos abençoará do fundo d'alma: e a posteridade vos cingirá da aureola a mais brilhante — o reconhecimento do povo!

C.



## TOLERANCIA.

*Erreur ou vérité, la pensée de l'homme  
est sa propriété la plus sacrée.*

B. CONSTANT.

Liberdade de culto eis o dogma religioso do seculo actual, eis a verdade augusta prégada do alto de sédes elevadas por philosophos da actualidade, e por publicistas dos tempos modernos. Mas o que quer isto dizer? Será por ventura a tolerancia levada ao excesso da indifferença, ou será acaso o echo descompasado da voz aida e ingrata do cego Scepticismo, que duvida de tudo, que não crê no verbo christão, e que contesta a veracidade da religião sellada com as lagrimas no Golgotha, e com o sangue na cruz?.. Não; nada he que semehe-se á isto. He a protestaçoão solemne do presente contra o passado, da geração actual contra as cinzas ardentes dos auctores do S. Bartholoméo, he a accusação authentica dos advogado da humanidade contra os réos do crime de lesa natureza, he a defeza sagrada da mais nobre e sancta das causas concebida nesta simples e energica phrase respeito a consciencia. E qual dos dous contendores, que apparecem á barra do tribunal, terá a honra da victoria. o genio do presente hasteando a bandeira do progresso, e collocado sobre um sólio firmado pela justiça, ou o genio do passado levantando negra e sangrenta flamula sentado sobre a lousa das ruinas? O futuro responderá, e a posteridade lavrará a sua decisão: esperemos ainda. Mas o que significa esta divisa religião exclusiva gravada no estandarte do passado? Nada mais, do que a consagração da intolerancia. E o que é a intolerancia? nada menos do que a theoria subversiva da liberdade social, nada menos do que a causa que tem produzido horriovel effeito em todos os seculos, do que a alliada inseparavel do fanatismo, do que o predominio da força contra a consciencia. Theoria miseravel! quando a verdade é imposta pela força a crença vacilla e desaparece, e a religião não produz os fructos sazonados, que o homem espera para lenir as suas dores nos desastres do mundo, porque os actos da violencia não crião, nem nutrem, antes definhão e matão. O homem contempla então com horror a religião, porque julga a sua liberdade em perigo, arroja de seos labios crestados pelo desespero a maldição sobre os seos irmãos, em que não encontra um arrimo na desgraça, abo-

mina a sua existencia, que na aurora, no meio-dia, no crepusculo he sempre regada pelo pranto, e rodeada de trabalhos e de dores. Diante de seos olhos abre-se um quadro horrendo e satanico: o fanatismo ahi ve-se dirigindo o punhal de Jacques Clemente ao coração de Henrique III. o pavimento de Whitehall salpicado de sangue e alcatifado com as vestes de Carlos I. os Templos de Paris profanados, e os crucifixos substituidos pelos bustos de Marát, Lapelletier, J. J. Rousseau e Voltaire, festas religiosas consagradas a deusa -Razão- devindade produzida pela delirante imaginação de Hebert, Chaumett, Cloutz e Ronsin. Eis as lavas ardentes legadas pela intolerancia e fanatismo á posteridade. O presente porem protestou, e a civilização levantou sua voz energica e solemne: a tolerancia, e a liberdade de culto he o hoje a theoria politico-relegiosa adoptada por grande numero de sociedades modernas. E o que he esta tolerancia? nada menos do que o simples e modesto tributo pago a virtude e ao dever dos homens em suas relações, nada menos do que o respeito prestado á consciencia do homem, e aos objectos de seo amor e veneração. E quaes as bases sobre que se firma a liberdade de culto? Será por acazo alliada da indifferença? não; a indifferença he a theoria arida e esteril: em seo sólo não vinga a planta viçosa, em seo espaço ermo e deserto, não encontra o peregrino a fonte que a sede desejava, nem vê a palmeira que a fome exigia, nem unico oasis que o esquiv: aos ardores do So! em seo meio-dia. A indifferença he a voz do anjo da destruição, he o brado ardente e inflamado do atéo que renegou a natureza: o systema da tolerancia he nobre e livre he o systema comungado pela civilização. Religioso por convicção, e proselyto por pensamento o homem quer ser respeitado no sanctuario da consciencia, quer desenrolver-se livremente na esphéra de seos direitos. Mas como ser livre, quando a violencia ante sua face os satellites da vingança, quer ligar a verdade com a força, e o espirito com a materia? A reacção eis o seo resultado inevitavel. E vós Czar, soberano ou povo consintireis isto, e não escutareis a voz da liberdade individual que exige ser garantida? Se dizeis, não, eu vos interrogo sobre vossa missão, eu vos interpello sobre vossos deveres que legaes em holocausto ao funesto olvido. Não sabeis acaso que o fim do homem he a liberdade e que ella não garantida he flor desfolhada pelo tufão, he a arvore queimada pelo sol do verão despida de folhas; de flores e de fructos?... Vós apostolos da fe, philosophos do povo convencei ao homem flexivel a voz da razão, que o verdadeiro e o bem resumem-se em Deos, e que este Deos he o Deos do Christianismo. Porem em quanto uma não he a crença da humanidade, e unico culto que rende-se a Deos, ensina-o a respeitar a consciencia. O Iris da civilização ainda não aclarou de todo o horisonte, ainda pontos denigrados descorão seo azul setim: resignação e esperança.

A. P. F.



## SYSTEMA

### DE EQUILIBRIO E INTERVENÇÃO.

*Le premier intérêt qu'a chaque nation, celui qui est le fondement de tous les autres, est l'intérêt de son indépendence, parce que sans indépendence il n'y a point pour elle de liberté, sans liberté point de vertu, et sans vertu point de bonheur.*

GARDEN.

E' sem duvida árdua e perigosa a missão d'aquelle; que fiel

interprete de uma verdade juridica tenta quebrar os preconceitos da civilisação moderna, ousando combater um dogma da época, um dogma soberano das liberdades publicas e da independencia dos povos, uma crença que tem invadido o sanctuario da sciencia do direito internacional, fanatisado ás summidades politicas e esquecido os mais lucidos principios da razão pura. O equilibrio, ou balança das nações parece ter sido o primeiro fructo das concepções de politica externa. Tres seculos são decorridos, e o gabinete da sabia Europa não vive senão por elle, não existe senão para elle.

Carlos Magno mais conquistador, que politico, tinha desaparecido da scena do mundo, e com elle o espirito bellicoso europeu; os pequenos estados começavão a firmar-se, e occupados em suas desavenças domesticas não se disputavão a cada passo o solo e a vida; foi então debaixo de Carlos V. e Francisco I. que appareceo a primeira idéa da politica moderna (1). O ciume d'estes dous guerreiros induzios-os a allianças deffensivas; estas allianças forão passageiras.

No tempo de Fellippe II., depois da paz de Westphalia, dos desastres da casa d'Austria e finalmente depois do engrandecimento de Luiz XIV foi que se descriminárão duas potencias na Europa, e as allianças tornárão-se permanentes datando dos fins do seculo 17.º o equilibrio como medida politica.

Minha missão hoje não é enervar principio alguma da soberania dos povos, não é proclamar que os sabios contemporaneos tem errado, não é blasonar de minha temeraria penna mas é acompanhá-los até onde podem chegar nas raias da politica, e dizer conscio da verdade—o principio d'intervenção emanado do equilibrio é um principio imminentemente falso *um delirio da intelligencia, um argumento contraproducente*—E' indubitavel que o direito das gentes absoluto não é ainda um codigo a que as nações possam fielmente obedecer; não ha uma força publica, um juiz, um tribunal, a decisão do qual fossem submettidas as controversias entre nações. As nações vivem da fé dos tractados, mas, *as nações* como os individuos, tem paixões; onde pois serião suplantadas as aberrações do principio do justo, perante quem responderião pela falta do cumprimento do dever, em que parte do globo existiria esse areopago composto dos patriarchas do mundo? Henrique IV, o abbade St. Pierre e depois Kant desenvolvêrão o sublime pensamento da paz perpetua e criação d'um tribunal composto de emissarios de todos os estados, ao qual fossem apresentadas e dirimidas as contendas internacionaes. Mas que utopia! Era necessario que todos os soberanos abraçassem-se e fossem juizes e partes, o que seria tão difficil, como ao criminoso lavrar sua propria sentença.

---

Nota (1) Anteriormente ao seculo 17 fizerão-se allianças, porem o pensamento politico do equilibrio, verdadeiramente data na Europa, dos fins do seculo 17.

Carlos V. tambem quiz realizar a monarchia uiversal , porem esta idéa, como a primeira, naufragou nos cachopos do impossivel; e o que fazer pois? Minar com a politica os alicerces de um poder ameaçador? Intervir a força d'armas, para que um poderoso imperio não se desenvolva inda mais preenchendo o fim da humanidade na terra? Não, é aqui que se realisa a politica do equilibrio. E o que é o equilibrio? E' a alliança de nações fracas para paralisar as forças abusivas da forte, é a igualdade de peso nas duas conchas da balança para que o desenvolvimento seja infinitamente parallelo, é o baluarte ante o qual se curva o gigante russo semi-barbaro, quando imagina invadir o sul do continente, é em fim o pensamento de todas as vigalias do heróe da America do sul. Sim, eu disse que acompanharia a medida do equilibrio até onde podess chegar nas raias da politica, sim, eu até ahí sou concorde, porque entendo que o unico meio de paralisar a ambição de um poderoso visinho, e garantir a mais santa das liberdades publicas é oppondo força á força sem ser no campo de batalha. Porem meu compromisso não é combater o equilibrio, porque o sustento, mas sim combater a intervenção emanada d'um tal principio, porque altamente rejeito-a. Seria necessario não conhecer a historia, não ter fólheado qualquer de suas paginas para não concordar que á par do grande desenvolvimento d'um estado marcha uma ambição usurpadôra. E' assim que acabamos de ver as tres potencias nort'-européas impudentemente riscar da lista das nações a heroica e magnanima Polonia; é assim que vemos o leopardo d'Inglaterra pôr e dispôr da soberania Portugueza; e é assim que os lords do campo de Galles procurão soffocar o grito livre da miserrima Irlanda, N'esta situação a razão vacillando na perplexidade da collisão, acaba por gritar—primeiro principio—ley das leis—conservação e independencia—formemos allianças é necessario decapitar o colosso. Parece que deviamos acompanhar a voz da razão, mas a razão tão bem exagera e vicia; é necessario imparcial e energicamente dizer—Sim, forme-se equilibrio, mas lembremo-nos que tanto as fracas, como a forte tem uma ley a cumprir, isto é, a ley da perfectibilidade, e as nações são imminantemente progressivas; mas para que serve o equilibrio? Será para reparar lesões? não, porque uma tal alliança seria uma sociedade de guerra; será para intervir? Não, porque a intervenção é uma lesão de direito, e o equilibrio é a igualdade de forças..; Como pois quereis contraproduzir argumentos sustentando vossa santa independencia a custa da sagrada soberania da outra? Como se poderá destruir o dogma evangelico da perfectibilidade das nações? Não, eu entendo a medida do equilibrio inteiramente alheia a intervenção; o equilibrio é todo preventivo, é o abarracamento de dous exercitos sem hostilidades, é em fim uma fortificação perenne em tempo de paz para garantir a mesma paz.

A Russia pela multiplicidade de seos soldados e desenvolvimento rapido de recursos aterra no intimo do coração os ga-

binetes europêos, e a cada momento se figura a possibilidade d'uma invasão, cuja hypothese parece tão gratuita, como o novo apparecimento do direito de conquista, tão gratuita como de novo pertencerem os povos ás corôas, e não as corôas aos povos, tão gratuita ainda como a monarchia universal de Carlos V.

O sul do continente nada mais póde fazer, do que allianças deffensivas; ao contrario seria tentar contra os prolegomenos do direito internacional. Faça-se convenções, Aix-la-Chapelle, Utrecht, Vienna; igualem-se forças, porque esce é o ultimo vôo da politica de conservação; e se a natureza não está exhausta, quando de novo pisar a terra o genio de Napoleão Bonaparte arrancando do mppa das nações corôas para seos filhos, colhão-se os primeiros fructos de sua cabeça liberal, e mostre-se com o dedo o tumulo de Santa Helêna.

\*\*\*

---

## IMAGINAÇÃO.

### *O Poeta.*

Sonhe, sonhe; — sua vida é a illusão: sua alma precisa d'essa nevoa, seu coração d'essa harmonia, sua existencia d'esse perfume mystico e divino: o susurro da florzinha emballada pelas auras nocturnas, os gemidos dos ciprestes entre a mudez dos tumulos, o ruido da gloria, que houve no seu phantasiar, são as cordas de uma harpa que elle chama — minha alma —. E elle sonha e perde-se por essa atmospherã suave, que rapida vai sua carreira sobre a terra, que a palmeira lá do cume de suas patrias montanhas, onde como a ave peregrina fabrica seu ninho, pode prostral-a de chofre o raio da tempestade. Quando nem mais uma gota houver na taça dos sonhos, a unica esperança amarellecida esfolhar-se sobre a louza, e o anjo eterno dos tumulos alçar a estrella negra no seu horisonte azul salpicado de palhetas de ouro, ai d'elle! nem mais uma brisa para emballar o tronco da flor, semelhante ao Hebreo captivo, e errante das margens do Eufrates, chorará embalde por sua patria; sua patria era a mansão dos sonhos, e sua alma, perdida a illusão, erra como a planta arrebatada na corrente dos abysmos. Triste, bem triste, como essas noites negras, e mellancolicas velladas na amurada da nau balouçada pelo frio sopro do Norte no escutar a canção do marinheiro; dorido, bem dorido, como as lagrimas que vão espedaçar-se nas pedras dos sepulchros, é o coração do Poeta adormecido na crença das illusões. Sua religião é a esperança. Poeta, quando o dedo mirrado do esqueleto rebenta a corda d'essa lira, e a aza da morte desfaz o talisman teus sonhos eternizados, que ao abandonarem-te alma espedaçaram-na, tu debruçado lá no Ceo ouvil-os-as, como o echo de um pezo lançado nos abismos, de

seculo em seculo reboar, inda orvalhados pelo pranto da belleza!?

E o que é seu coração? Bem pouco sabe o mundo comprehendel-o; um altar, onde tudo da terra purificado se transforma em harmonias, desde o sussuro das auras té o estampido do trovão. O passado um ramo onde apraz-lhe emballar-se; o futuro uma esperança onde vai perder-se; o presente um sonho que lhe embellece a vida; abelha errando no calix de todas as folhas, mesmo da seiva venenosa do absyntio fabrica elle seu mel.

Lá, nessas horas de profundo pensar, repassadas de melancolia, e saudade, longe da terra esvoaça sua alma; então sobre que forma se desenrollão as paginas do passado? E' o echo que estremece? lembra-lhe, acorda-lhe das cinzas do coração um momento, que foi tão suave como esse ruido e como elle passou ligeiro! —seus sonhos pulverisados— ! mas renegará de crer e esperar? não; crença e esperança são elementos de sua vida.

Sua harpa espelha todo o Universo. Lá, sentado no pico de uma rocha desde a criação do mundo empinada sobre o mar, onde as ondas esfarelão-se gemendo; livre como o oceano que tem sob os pés, semelha-se ao archanjo das inspirações divinas! Vaga e perde sua alma no funebre gemido dos ventos, nos soluços das vagas, nos vapores negros que affrontão a face da lua, no metheóro que rebenta um firmamento de estrellas, e desaparece lá nos conũns do orisonte, semelhante â uma idéa sublime, que se enterra no turbilhão dos seculos!... Pouzado na margem de uma campa é Asrael defendendo a entrada dos tumulos, é o nuncio de Deos, evocando as gerações passadas. Elle está no sussurro do cipreste tumular, e nessa gota de orvalho, que a aza melancolica da viração da noite derruba do seio dos goivos, reboando no marmore das louzas! Sua voz quebra o sello dos tumulos, e as gerações levautão a fronte livida pelo reflexo da eternidade; ao toque de seu dedo a corôa desaparece, o sceptro volatiliza-se. — Vai ser o juiz de todas as gerações. — Tem o céu por docel, seu trono é o destroço das campas, o sceptro a harpa com que vai escrever nos seus fastos a sentença da humanidade.

Sua harpa falla de amores? — E' o suspiro da noite por entre as folhas orvalhadas; — amor será sua vida, sua alma, sua inspiração, sua illnsão, seu tudo. Ella, esse anjo do céu, roça-lhe as tranças negras pelas cordas da lira, e desaparece, como uma visão aerea, como um lindo sonho da madrugada. Vel-a dormida nessas nuvens d'ouro e escarlata que a viração da aurora balança no pincaro das montanhas; ouve-lhe a voz na nota mais harmoniosa de seu alaúde, nos rozeos bagos da romã dosabrocha o rubi de seus labios: é ella sua musa, o anjo de sua poesia. Ora finge-a adormecida pensar, que suas almas se confundem n'um beijo — avante no seu devanear — já crê ouvil-a resar aos pés do altar, desalinhada a trança, o rosto pallido, a palpebra baixa como o genio das sanctas preces, a murmurar baixinho um nome, — vai alem seu delirio; — não vel-a mais no sanctuario com Deos n'alma, e elle no corção; sonha que está joelhado ás suas plan-

tas vibrando d'harpa sons, que uns apoz outros vão deslizar-se em sua alma, como o pranto da aurora pelas folhas avelludadas da rosa, e uma lagrima ardente, abrasada cair-lhe sobre o peito, e como um sussurro do pensamento dizer — eu amo — então é que sua alma se evapora n'um desses cantos fogosos de Byron, n'uma d'essas harmonias melancolicas de Lamartine, ou n'uma d'essas canções apaixonadas de Chenier.

O. A.



## REFLEXÕES

### *Sobre a Poesia Brasileira.*

*Idéias geraes sobre a historia philosophica do desenvolvimento da poesia na Europa. — A litteratura Brasileira recente-se do espirito Portuguez, e mais tarde do Francez. — Qual foi a influencia que veio exercercer o Sr. Magalhães na poesia Brasileira. O golpe de morte dado no espirito de nossa nacionalidade poetica que deveria desenvolver-se com a reforma politica do Brasil é devido aos Suspiros Poeticos. — Breves consideraçõe sobre as ultimas poesias de nossa epoca. — Sua nova tendencia e futuro.*

A poesia é um dos mais preciosos dons, que a Divindade deixou cahir sobre a terra, para compensar os males desta existencia phenomenal, e precaria; as magas illusões da imaginação transportando para este mundo as delicias do Eden, são como um véo que encobre até certo ponto, quanto tem de mesquinha e de amarga a condição do homem. Mas ella não é só um méro passatempo, um refugio onde vão as almas sensiveis por-se ao abrigo dos dissabores, e esquecer-se por um momento do mundo real perdidas, nos devaneios de uma imaginação caprixosa; não, compete-lhe tambem uma alta importancia social, pois que tem representado um grande papel no desenvolvimento da humanidade. As mais altas maximas sociaes, os principios mais fecundos em grandes resultados forão muitas vezes propagados por sua doce voz; por meio d'ella popularisaião-se crenças e principios civilisadores: seus accentos fallando a fantazia e ao coração são mais bem comprehendidos pelo povo, do que a voz grave, e austera da philosophia; foram seus cantos melodiosos que emballarão no berço a sociedade nascente, ella, e não a philosophia, ensinou, e divulgou os dogmas da religião, apertou os laços da sociabilidade e despojou o homem primitivõ de seus habitos ferozes, substituindo costumes mais doces e humanos.

Nã infancia des nações tudo é poesia, porque tudo é sentimento, e imaginação, ella abrange artes, sciencias, crenças, e costumes, imprimindo em tudo suas formas e seu character; não existe só nos cantos dos bardos, mas reproduz-se em todos os actos em todas as idéas do povo — E' a poesia em acção. — Mas assim como a reflexão succede á imaginação, a poesia cede o lugar á philosophia; a arte do calculo e da abstracção desseca o sentimento, e apaga a imaginação; ao toque do sceptro severo da razão esvae-se o bello edificio erigido pela ingenua credulidade dos povos primitivos. Mas tal é o prestigio d'essas ficções e mithos da quadra infantil da humanidade que são conservados e transmittidos de geração em geração não ja como crenças, mas ricas louçanias, cujos adornos aproveitados pela philosophia illuminam a verdade, e a poesia subsiste; não é mais esse sentimento popular e caracteristico da epoca, é um sonho engenhoso, uma grata reminiscencia, uma saudade das primeiras eras, um echo do passado, que atravessando os seculos vem repercutir nas liras dos Poetas. Nos primeiros seculos o genio para gerar sublimes producções, bastava compenetrar-se do espirito da epoca e deixar-se guiar pelo seu impulso, mas hoje é mister esforço, é mister despojar-se do character do positivismo, e indifferença do seu seculo, e recolhendo-se no sanctuario do passado procurar ahi as inspirações, que o presente lhe não pode offerecer. Assim os maiores poetas do christianismo Byron, Chateaubriand, e Lamartine, subtrahindo-se ao rumor do mundo civilisado foram beber em plagas longiquas essas inspirações divinas que o genio da media idade tinha entornado no theatro do mundo, foram pro-

curar n'esse seculo da poesia christãa os movimentos da linguagem antiga! Entre as nações jovens os poetas são os representantes do genio nacional, seus cantos são a expressão da indole e das crenças populares, nelles legam á posteridade o retracto moral de sua epocha; mas quando as nações envelhecem, a fé e o enthusiasmo se esvaece e ao lado do desenvolvimento intellectual apparece a corrupção moral e o scepticismo, e os homens que amam apaixonadamente o bello e o sublime não o podendo encontrar no circulo em que vivem, vêem-se forçados a transpôr o espaço e o tempo para buscar alimento para sua alma, e emoções para seu coração ou nas ruinas do passado, ou nos remotos climas, aonde a civilisação não tem esgotado as fontes da inspiração, tornão-se então antes de uma outra esphera isolados do mundo real; á poesia popular e positiva succede a ideal e transcendente.

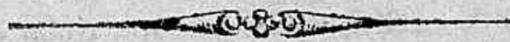
O Brasil está na quadra em que a poesia é a propriedade do povo, e manifesta-se por si mesma; e de mais muitas outras circumstancias concorrem para tornal-o um povo eminentemente poetico: A doce temperatura do clima, a profusão de bellezas naturaes de que o colmou a natureza, a fertilidade e abundancia que fornecendo ao Brasileiro os meios de uma subsistencia facil deixa-lhe ocio bastante para entregar-se ás delicias da contemplação, e aos delirios do fantaziar, um passado cheio de recordações grandiosas e bellas tradições, tudo deveria dar ao espirito nacional uma direcção toda poetica; e em verdade assim é; o Brasileiro possui em grao eminente todas as faculdades poeticas; é dotado de uma imaginação fogosa e brilhante e de uma sensibilidade profunda e concentrada que revestindo-o de uma certa indolencia exterior o approxima do character oriental. Collocado sob um céu onde a mão de Deos se revella com tanta força e magestade, recebendo as inspirações, que o sol ardente dos tropicos entorna sobre sua frente, participando das luzes da civilisação Europea, reúne ao enthusiasmo e sentimentabilidade dos povos infantis o espirito illustrado e apurado do gosto da erudição moderna. A imaginação é seu dominio, porque muito preocupado com o bello, olvida o verdadeiro; eis porque entre tantas produções litterarias que entre nós tem apparecido tão raras são as scientificas. O amigo da litteratura Brasileira o Sr. Ferdinand Deniz, que tão attentamente estudou a indole e tendencias do nosso spirito pensou comnosco, e não hesitou augurar os mais felizes successos para nossa poesia — nós sobre cujo terreno a mão avida do estrangeiro extrahindo o ouro deixou cair as sementes de sua civilisação cansada, nós iremos um dia nas ruinas da Europa receber inspirações do passado, como hoje o Europeo refugiando-se nas selvas virgens da America ou nos destroços do velho mundo procura movimento para o coração e arpejos para a lira; — tanto a civilisação seca o sentimento!

Mas devemos nós procurar o transsumpto do genio nacional nos cantos de nossos vates? não de certo: o espirito brasileiro ainda não achou um interprete, um representante d'esse sentimento infantil dos povos; o jugo da imitação tem esterelizado as inspirações do coração e com seu sopro infesto crestado as azas do genio; mas isto é um resultado natural de nossa posição; porque a infancia, logo que tem um modello diante dos olhos o copia fielmente. Collonia europea o Brasil inda no berço tinha de nutrir-se com as idéas da mãi-patria, porque era necessario um mestre, que dirigisse seos primeiros passos ainda vacillantes, e o collocasse no caminho do progresso; mas depois cumpria-lhe emancipar sua intelligencia, seguir a direcção, que a natureza lhe indica e guiar-se por suas proprias inspirações. Renegou do genio das inspirações nacionaes, e deixou a imaginação emballada pelos canticos dos portuguezes extraviar-se no politeismo que fraco, e bem fraco atravessando o immenso oceano, que separava o poeta da crença veio estremecer nas cordas de sua harpa! De longe, em longe lá apparece um canto onde á furto revelava-se a musa brasileira nas canções amorosas de Gonzaga, no Uruguay de Basilio da Gama, e no Caramurú de Santa Rita Durão! Fraco era esse sopro de vida para uma reforma! Seria por estar escravizado pela metropole, que elle se ressentia do seu character? não; o Brasil proclamando sua independencia politica, deixou inda sua intelligencia sujeita ao jugo da imitação, e nossa litteratura é ainda um echo enfraquecido, um frouxo reflexo da civilisação do velho mundo. A grande reforma social, que mudou a face politica da Europa tinha acarretado tambem uma revolução litteraria. Um novo representante tinha quebrado as cadeias, com que a velha eschola lhe pèava os vãos, e a par da independencia politica se

proclamára a liberdade poética! Mirabaeu, de nobre linhagem levantava-se entre as massas para sustentar os principios liberaes no oriente da revolução. Lord Byron no seu occaso formava uma nova poesia emancipando-a da auctoridade dos seculos, frenetica, impia e ao mesmo tempo religiosa! O Brasil conservou-se por algum tempo estranho á essa revolução, até que nossas relações commerciaes com a Europa, e particularmente com a França, que se tornára o centro da nova eschola importárão esse gosto para nossas plagas, e essa transição acanhou mais do que fizera a imitação portugueza a litteratura nacional; apagando inteiramente alguns vislumbres de originalidade, que por ventura existião, e sim esse gosto como uma planta exotica jámais se aclimatará em nosso paiz, e só produzirá mirrados fructos. Se a poesia é uma arte imitativa, e é seu modelo a natureza, porque desprezaremos nosso esplendido e sublime original para trasladar cópias de outro, que nos é extranho? assim de cópia em cópia, como tem acontecido, hão-de perder-se e alterar inevitavelmente as feições do original. O presente sahe das entranhas do passado — a civilisação européa é o resultado de todas as phas's, que soffreu e d'esse immenso passado, que tem percorrido; mas esse não nos pertence a nós, cuja existencia data de uma época tão recente; e como queremos revestirnos das fórmulas d'esse mundo decrépito e cançado, nós que formamos uma sociedade joven e vigorosa plantada n'um sollo, que parece ter sahido a pouco das mãos do creador? Esses cantos escallados no ruido de contínuas revoluções, produzidas pelo choque de mil idéas e interesses diversos n'um mundo onde a população supperabundante estava em contínua fermentação, como serão comprehendidos pelos tranquillos habitantes destas plagas ermas? A civilisação européa tendo murchado até a ultima flor da poesia popular, a sciencia, desenvolvendo a intelligencia, esfriado a imaginação, e aniquillado sentimento, não encontrando mais sobre a terra as doces illusões, que o emballassem poeta da civilisação o europêo creou um mundo novo ideal e mystico abandonou a terra cujas pinturas estávão esgotadas, e refugiando-se sombra do christianismo recebeu as inspirações, que descião da cruz! mas como reproduzil-as? A religião, é uma nova fonte de poesia e verdade, mas onde estava a forma para trajal-a? A sciencia tinha esterilizado tudo; roupas aerias, coloridos vaporosos uma methaphysica subtil, privilegio de algumas organizações arrancou á poesia o seu principal caracter — a expressão do sentimento popular! E o povo nascenteh deve estrear sua carreira copiando as inspirações da civilisação cançada? não; a poesia existe entre nós; não é mister baseal-a no mundo das idealidades. Entretanto indifferentes ás inspirações de nosso Céu formoso e radiante, as lembranças d'este sollo rico de tradições e saudosas reminiscencias d'essas tribus mais ferozes, que as dos vandalos, desdenhando as scenas magestosas, que a natureza opulenta desenhou n'estas plagas vamos emballar-nos nas accentos d'essa harmonia vaga e mal ouvida, que vinda d'um mundo extranho echôa desfigurada em nossas margens.

A poesia franceza sympathisa ainda menos com o nosso caracter do que o gosto portuguez que antes nos dominava; introduzida pelo Sr. Magalhães enraizou-se profundamente entre nós e os primeiros ensaios de originalidade que parecião ir preparando uma época brilhante para a poesia nacional soffrerão um golpe mortal com a apparição dos *Suspiros e Saudades poeticas*.

S. G.  
(Continúa).





## CACIQUER

(Harmonia extralba das -tres cordas de minha harpa-.)

### I.

Entre tantos cabeços, que granizam  
 Essa dos Orgãos cordilheira immensa,  
 Do mais alto da bronca serrania  
 Quem jaz sentado no empinado pincaro?  
 Doura-lhe o sol do occaso as tranças negras,  
 E a sussurrante brisa do crepusculo  
 Lhe emballa as plumas do cocar dourado;  
 Em faces côr de jambo enrubicidas  
 Cavam surcos profundos duas lagrimas,  
 Como essas, que deslizam de nossa alma,  
 Quando a mão da saudade vibra a corda  
 D'harpa do coração, e o despedaça!  
 Quem poderá sondar quanto ellas dizem?  
 Quem?... — se não for o coração que as verte!...  
 Nessa de inspirações hora assombrosa  
 Que cae das mãos de Deos n'alma do genio,  
 Nesses iustantes lucidos da vida,  
 Em que o Eterno os segredos lhe franqueia  
 Da inteira criação, — d'harpa celeste  
 Afinada aos suspiros dos regatos,  
 Ou da lua autunal ao clarão baço  
 Sobre a relva de humilde campazinha,  
 Ao suspirar da viração da noite  
 Pelo bronze de esguio campanario,  
 Seus ais nos sons das cordas derramados  
 Não podem, não, carpir tanta agonia!

### II.

Amigo, ouves o echo magoadô,  
 Que a briza vespertina traz nas azas?  
 Nunca o formoso labio da indianna  
 Erradia no centro das florestas  
 Em procura das folhas mais cheirosas,  
 Para amaciar o leito de seu filho,  
 Assim rasgou o coração dos bosques;  
 A exhallar canções tão doloridas.  
 Nunca! — Como vem triste e solitario  
 Estremecer nas fibras de minha alma,  
 Inda um canto extrahir dos labios murchos,  
 Gelados pelo orvalho do sepulchro,  
 Que roubou da grinalda de meus dias  
 A perola, que os Anjos enlaçarão!

### III.

— Como descamba o sol entre montanhas  
 De acendidos rubis! — e, embalsamada,  
 Vem suspirando a viração da noite  
 Cardar chorosa as tranças das palmeiras!  
 Como é suave a hora do crepusculo!  
 As ondas meigamente bafejadas  
 Brandas se enrollão nas douradas praias,  
 Onde triste saudade reclinada  
 Parece suspirar na voz das auras,  
 E das flores no aroma evaporar-se!  
 Oh tudo isto era bello em outro tempo;

Quando me pertencia, e eu era livre...  
 Hoje!... selvagens brutas cataractas,  
 Erguidas serras, penedias brancas,  
 Virgens florestas, assombrosos rios,  
 Ah! quebrai vossas urnas gigadtescas,  
 E sumi sob as ondas esta plaga,  
 Que vio -Tamandaré- surgir das agoas,  
 Para occultar a affronta de meus filhos!  
 Queima, ó sol, com teus raios estes bosques,  
 Que em sombras nossas -tabas- sepultaram,  
 E cobre-os c'os bulcões da cor da noite;  
 Nem enfezada grama ahi mais vegete!  
 Esta terra maldita outr'ora bella  
 Regada com o sangue de meus filhos  
 Ah! só produza no mirrado arbusto  
 Fructos que vinguem a desdita nossa!  
 Oh! mata-mé, Tupá, morra eu com ella,  
 Antes que a mão sangrenta da saudade  
 Venha vibrar nas cordas de minha alma  
 Os prazeres passados de teus filhos,  
 E dos olhos vasar-me a extrema lagrima,  
 Que inda me resta p'ra abrandar-te as iras.

## IV.

Debaixo de meus pés ahi jaz. ahi pouza  
 Essa tribu tão grande como os mares,  
 Que dorme o somno placido dos bravos!  
 De nossos pais os craneos deshumados  
 Espalhados alvejam nas campinas,  
 Quebra-os o ferro do inditoso escravo;  
 Ou perdidos no seio das florestas,  
 Quando teus furacões voão bramindo  
 Pelas longas abobodas das serras  
 Com medonho estampido, e em pó desfeita.  
 Desaparece a cupula dos bosques;  
 Tu não ouves ao som da tempestade  
 Uma voz, que c'o raio se confunde,  
 Voz de seus -manitós- clamar — vingança?

## V.

Tupá, Tupá, as faces cõr de jambo  
 Já me cavaram lagrimas de fogo:  
 Secou-se o aroma ao calice das flores,  
 E a illusão que dourava nossos sonhos,  
 Medonhos furacões d'hastea esfolharam;  
 Ai! que o sopro gellado da -igaçaba-  
 Veio quebrar as taças dos banquetes,  
 E converteu em nenias luctuosas;  
 O rir que salpicava nossos labios;  
 Ao funebre adejar da -mamamgaba-  
 Os nossos corações se evaporaram  
 Em suspiros tão tristes, como os echos  
 De teus mares nas praias solitarias!  
 Te pedimos, Tupá, que nos quebrasses  
 Estes ferreos -cipós-, que nos algemam;  
 — Embalde, — Nossas lagrimas correram  
 Das -tutingas- as urnas engrossando,  
 Da dor no despero, das torrentes  
 O rugido augmentamos c'os gemidos!  
 -Juripary- quebrou c'as asas negras  
 Essa lyra dourada, cuja corda  
 Inda vibrava o canto da esperanza!  
 Quando assoprou a viração d'aurora  
 Da -potira- as grinaldas recedentes,  
 Da -icoára- as agoas inrespando,  
 Ermo achou nosso peito de esperanças.

Debil flor sem orvalho em terra ingrata  
Murchada ao sopro abrasador da tarde,  
Se aura de fogo lhe emballasse o tronco,  
Fora assim! — Só vertia a extrema gota,  
Pranto saudoso da passada aurora.

## VI.

Quando perde o Guará as alvas plumas,  
Vaga e erra sosinho nas florestas;  
Entre as pompas da aurora assume o dia,  
Desdobre embora a noite os veos funereos,  
Como o prazer amou, ama os gemidos;  
Olha, Tupá, nós somos como elle....  
De nosso cinto as pennas cor de rosa,  
Sem compaixão, sem dó arrebataste,  
A pluma mais mimosa de meu -cócar-  
Quebrou-se pelos ramos das taquaras,  
Os troncos, que prendião nossas redes,  
Medonhos furacões despedaçaram!  
Até vi minha tribu foragida  
De fome perecer por invias matas!  
Sem -pirogas-, sem flexas, sem -tacapes-  
Para cortar os grelos dos palmitos!  
Ai! então suspirei a vez primeira,  
Nosso canto trocou-se em canção funebre....  
Mas não esperes, não, que fatigado  
De supplicar-te, que lhe abrande o fado,  
Venha o macio somno sussurando  
Pendurar-se dos olhos do Tamoio,  
Não esperes, Tupá,—seu pranto é fogo,  
Que na terra o gemer lhe faz eterno!

## VII.

Quando no coração faltar a força,  
Para mandar seu ultimo suspiro  
Pedir vingança, derreter-te as iras,  
Terão seus olhos lagrimas de sangue,  
P'ra rogar-te, Tupá, que antes a morte,  
Do que vagar sosinho nas florestas,  
Ou perdido no leito das correntes  
De vergonha morrer, sem que os gemidos  
Possam amollecere-te o bronzeo peito!  
Em balde nos penachos dos palmares  
No esvoaçar da viração da tarde  
O amargo -garirova- está dizendo  
— Eis o frugal banquete, — p'ra teus filhos,  
— Vinde com elles mitigar a fome! —  
Quando teus raios matutinos tingem  
A cerulea madeixa das florestas,  
E qual selva de lanças, das palmeiras  
Freixam os ares os dourados grelos,  
Elles pelos seus troncos encostados  
Choram saudades dos passados dias,  
E em cada gota que seus olhos vertem  
Da vida uma centelha se deslisa,  
Té que d'ella se apaga a ultima chama,  
Em quanto as auras sobre a fronte agitam-lhe  
As doces tamaras nos flexiveis galhos  
Grato alimento que abrandára a fome!

## VIII.

Quando as - muremurés - nos convidavão  
Reboando do pinçaro das serras  
A prostar com as ferreas tangapemas  
O corpulento jetubá dos valles,

Excedião na força nossos braços  
 A' raiva das medonhas catadupas,  
 Que desabão de cima dos fragedos;  
 E despertando os échos, que dormião  
 Somno de ferro nas profundas grotas,  
 Tombava o corpo colossal por terra  
 Amplo surco rasgando na floresta;  
 A queda éra um trovão tão horroroso,  
 Como o grito de mil -sucuriubas- ,  
 Quando as flexas dos arcos repellidas  
 Furibundas lhes rasgão as entranhas!  
 Ai! que era grato então esse exercicio,  
 E o que excedia na affanosa luta,  
 Tinha em premio a Indiana mais formosa!...  
 Hoje!.... Tupá, que é feito de teos raios?  
 Condemnado ás mais asperas fadigas,  
 A' abrir c'o duro ferro o seio á terra  
 Se no meio do affan pára caçado,  
 Pr'a enchugar o suor, que em quentes bagas  
 Orvalha a tez queimada ao Indianno,  
 Rasgão-lhe as carnes c'os -cipós- de bronze,  
 E antes de findar o duro surco  
 Ah! quantos filhos teos não perecerão  
 Mesclando á esteril terra ignobeis cinzas

## IX.

Foi o Bátavo, o Luso, o tempo, as guerras  
 Que quebrarão os thronos dos Caciques,  
 E depois de assolarem nossas tribus  
 Andam sedentos de beber mais sangue  
 Tu os viste queimarem-te o -marraque- ,  
 Quando a fogueira intrepido subsiste,  
 — Inca valente generoso Indianno — ,  
 E o frio rocio, que alagou-te a fronte  
 Quando afrontastes a morte das fogueiras,  
 Não gerou-o o pavor; — foi que de cima  
 Olhaste, e viste o imperio dos Caciques  
 Ermo deserto reduzido a cinzas;  
 Choraste então porque alcançaste o fado,  
 Que aguardava a estrella dos Olmecas!  
 .....  
 Sorte de teos irmãos foi tua sorte!

## X.

Tão livres, como as vagas do Oceano  
 De nossa vida os dias deslizarão-se;  
 Mas do Anhangá nas azas abrazadas  
 Arremeçaste o sucurú dos mares,  
 A quem déste o trovão cedeste o raio!  
 Deu signal o - Boré- da infausta vinda;  
 Pagés consultão - maracás- ruidosos....  
 — Em balde — tu quizeste e foi cumprido,  
 Os rios se tingirão de vermelho;  
 Erão poucos os galhos das florestas  
 Convertidos em flexas e traças  
 Para extinguir a raça do Emboaba,  
 Nem lá no pico de empinada rocha

Escapou o condor de teos estragos!?  
 Folga, folga, feliz - purigoára - ,  
 O raio de Tupá no Céu se accende!

XI.

.....  
 E inda do araribá no rozeo tronco  
 Fabrica almo jaty seos doces favos!  
 Tuas flexas, ó sol, inda illuminão  
 O - cocár- de esmeralda, que balança  
 Da princeza dos valles sobre a fronte!  
 Inda os rios deslizam suas agoas  
 Pelas remotas solidões dos bosques  
 Que espalham de teu cinto as sete côres;  
 E o colibri veloz esvoaçando  
 Sorve o nectar do seio do latyro!...  
 Quando o nervudo braço do Tamoio  
 Manda de arabutan certa flexa,  
 Na aerea taba traspasar a arára,  
 Quando a esguia pirôga de teos filhos  
 Arfando corta as enroladas ondas,  
 Quem tem elle pr'a dar-te além de queixas?!  
 Quanto outr'ora gostava contemplar-vos  
 Céos, bosque, rios, lagos, horisontes!  
 Ai hoje, -manitós- de minha tribu,  
 Só posso vel-os por um véo de lagrimas;  
 Que a -pituma- do tecto do estrangeiro  
 Me priva mesmo d'um prazer amargo!  
 Folga, folga, feliz - purigoára - ,  
 O raio de Tupá no Céu se acende!...

.....  
 Teme porem, que d'elle ouvindo as ordens,  
 Um dia á sombra do infeliz Cacambo,  
 E o phantasma de Cepé valente  
 Entre vossos festins bradando assomem:  
 — Vingança, já Tupá depoz as iras! —

XII.

Eu vi entre os vapores da arvorada  
 Sobre as margens de um lago todo d'ouro  
 A formosa Indiana suspirando  
 Por suas plumas, seu cocár seu arco,  
 E pelo unico filho seu querido,  
 E aos d'ella juntei meos ais carpidos!  
 Tinha os morênos braços levantados,  
 Dois arroios de lagrimas cavavam  
 Profundo leito em faces tão mimosas,  
 Ai sua trança, que emballavam auras,  
 Vinha enchugar-lhe a face impallecida;  
 Dos labios, que tremiam como a roza  
 Quando ardente tufão lhe arranca as folhas,  
 N'este amargo queixar fugia a vida:  
 — Quantas vezes no cume dos rochedos,  
 Quando teos raios brandos se expriavam,  
 Como chuva de prata nas campinas  
 E a viração da noite sacodia

De meu Cariba as redes nos coqueiros,  
 Não escutastes-me a canção saudoza,  
 Pi'a adormecer o filho de minha alma,  
 O' Lua! ó minha mãe dá-me Cariba  
 Tupá, Tupá entrega-me meu filho! —  
 Limpa os olhos c'o a trança, e ei-la gemendo:  
 — Eis-me sosinha errada nas florestas  
 Como o viuva jurity saudosa,  
 A' quem de meos irmãos os duras flexas  
 Despojaram da vida o tenro filho;  
 Da - issacariba - no lascado ramo  
 Vel-a o dia a gemer, gemendo a encontra  
 A noite, quando forra o Céu de negro,  
 Té que cançada de chamar seu filho,  
 N'aza inclina a cabeça e morre, e clama:  
 Tupá, Tupá, entrega-me meu filho! —  
 Mas não poudo dizer, que a dôr c'as azas  
 No crebo çoluçar cortou-lhe as fallas;  
 No outro dia o sol nado ainda encontrou-a.  
 N'esse mesmo lugar, em que a deixara,  
 Mas sem alma, sem côr, sem voz, sem vida.  
 Para chamar seu filho tão querido;  
 Ainda o antigo gesto concervava,  
 E os labios frios murmurar diceras  
 Tupá: — Tupá, entrega-me meu filho! —

## XIII.

Pasmada a selva de páixão tão forte,  
 De tão negro carpir, tão cruas queixas,  
 Parecia gemer tambem com ella.....  
 .....

## XIV.

Sim elle disse, — e a fronte empallecida,  
 Como a roza do valle a quem murcharam  
 Soes abrasados, — cae languidamente....  
 Eu vi do sol do accaso o extremo raio  
 Refletir-se saudoso n'um arroio  
 De lagrimas, que as faces lhe surcavam  
 Mudas, porem doridas, como a funebre  
 Desentoada nota de alaúde,  
 Que á meia noite desprenderam auras  
 Lá do empinado pico d'uma rocha  
 Pela extenção dos mares solitarios! ..  
 Quem lhe attentasse o pallido semblante,  
 O labio frio, a palpebra abatida,  
 Julgára estatua de cinzel divino  
 Representando o genio das montanhas  
 A supplicar á tarde muribunda,  
 Q'inda voltasse á illuminar o mundo!!

## UMA LAGRIMA.

Adeos mimoso jardim,  
Prazer de minha tristura,  
Em breve te deixo — adeos!  
Lá me aguarda a sepultura.

Pallidas são tuas flores,  
Ao meu olhar doentio;  
Sussurra tristonha a brisa,  
Tristonho murmura o rio.

Na praia a vaga do mar  
Manso e manso vai gemendo,  
E como ella, minha vida  
Pouco a pouco vai morrendo.

Morrer — oh! deixar a vida  
Dos annos inda na flor,  
Sem deixar uma saudade,  
Sem deixar um só amor?

Folha de arvore cahida  
A' tumba serás entregue,  
Sem um adeos que te guie,  
Sem um pranto que te regue

Alampadas mortuarias  
P'ra ti não se atearão,  
Doída queixa, ou suspiro  
Auras p'ra ti não terão.

Dobrará o sino escuro  
Triste dobre de finados;  
Chorão todos pelos seus  
Pelos seus que são passados:.

Só a minha sepultura  
Em logar ermo escondida,  
Não terá quem sobre ella  
Chore minha curta vida.

Tambem agreste florinha  
Entre os espinhos nascida,  
Morre sem saudade a triste  
— Que morre desconhecida. —

*Maximas e Pensamentos.*

—A critica do asno é o suicidio da ignorancia.

—As palavras que devem ser o emblema do pensamento, as vezes nada mais são do que o echo de outras palavras.

—Para ser sabio da epocha, precisa-se menos de livros, que de amigos.

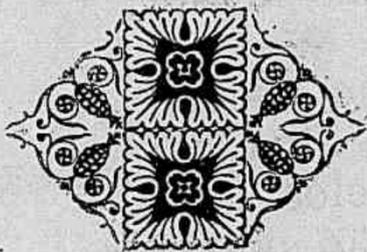
\* \* \*

## CHARADA.

Vi um sorrizo em flor,  
Em teos labios de carmim,  
Será elle para mim?  
Diz-me que sim meu amor. — 1

Vi-te a face mimosa,  
Onde a covinha nascia,  
Era assim, e tão macia,  
Como a pétala da rosa. — 2

E vi teos olhos fagueiros,  
Penas de amor não penára,  
Se meiguices não mirára  
D'esses olhos feiticeiros.



## INDICE DAS MATERIAS.

- Introdução. — Pag. 1.  
O Povo — por C. — Pag. 5.  
A Tolerancia — por A. P. F. — Pag. 7.  
O Equilibrio — por \* \* \* — Pag. 8.  
Imaginação — por O. A. — Pag. 11.  
Reflexões sobre a Poesia Brasileira. — por S. G. —  
Pag. 13.  
O Cacique. — por O. A. — Pag. 16  
Uma lagrima. — por C. — Pag. 22.
-